

Classe e memória(s) de classe nos discursos sobre a resistência antifascista portuguesa

A memória das lutas sociais do passado (daquele, pelo menos, que é consensualmente considerado como fundador de dimensões relevantes do presente) é uma componente central da construção das condições de desencadeamento e das perspectivas de novas lutas e da sua própria viabilidade. Num dos mais longos ciclos históricos de regressão de conquistas sociais conseguidas, no caso português, sobretudo da luta contra a ditadura salazarista e pela experiência direta da última revolução socialista europeia do séc. XX, a tentativa de liquidação da tradição revolucionária fundadora das democracias sociais contemporâneas passa necessariamente pela eliminação do valor universal político-ideológico, ético e moral do antifascismo e pela manipulação da memória da resistência antifascista.

É decisivo associar a natureza de classe da memória, enquanto discurso e prática coletiva, e das suas próprias modalidades de conservação e reprodução, ao papel que ela desempenha nas narrativas dominantes sobre o passado, sobretudo quando estas se articulam com as propostas políticas para a análise do presente e para a construção do futuro.

Pretende-se nesta comunicação aplicar estes critérios de análise metodológica a distintos discursos memoriais sobre a resistência antifascista em Portugal entre 1926 e 1974.